

César Francisco Raymundo



em **J** Pós-milenismo
Jonas



revista cristã
última chamada

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.
revistacrista
.org**

Pós-Milenismo em Jonas

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Pós-Milenismo em Jonas

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da Internet criada por IA)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Agosto de 2026

Índice

Sobre o autor	07
Introdução	
Quem foi Jonas? Quando foi escrito seu livro?	08
O que é Pós-Milenismo?	10
Capítulo 1	
A vocação de Jonas, a sua fuga e o seu castigo	13
Capítulo 2	
A oração de Jonas no ventre do peixe	20
Capítulo 3	
A pregação de Jonas em Nínive	
Os ninivitas se arrependem	27
Capítulo 4	
O desgosto de Jonas	
O ensinamento de Deus	36
Conclusão	
A cidade de Nínive é um arquétipo da futura conversão das nações	39
Obras importantes para pesquisa...	42

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a teoria da **Escatologia Concreta**, visando à busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o **Conceito de História Interrompida** que pode ser encontrado em seu e-book intitulado "**História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo**".

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da Fé Cristã. Ele escreveu o primeiro **Comentário Preterista sobre o Apocalipse**, além de ser autor do primeiro **Dicionário de Escatologia do Preterismo** e da primeira **Bíblia de Estudo Preterista Parcial do Brasil**.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

Introdução

Quem foi Jonas?

Quando foi escrito seu livro?

Jonas foi um profeta que viveu no século VIII a.C. Seu nome ficou conhecido por causa do episódio em que foi engolido por um grande peixe, permanecendo em seu ventre durante três dias e três noites (Jonas 1:17). Esse acontecimento foi consequência de sua tentativa de fugir da missão que Deus lhe havia dado: levar uma mensagem de arrependimento aos moradores de Nínive.

Há fortes indícios de que o próprio Jonas escreveu o livro que leva seu nome. Logo na abertura da narrativa, ele é identificado como “Jonas, filho de Amitai” (Jonas 1:1). Além disso, grande parte do capítulo 2 é escrita em primeira pessoa, registrando a oração feita pelo profeta enquanto estava no interior do grande peixe.

Nessa oração, Jonas relata sua aflição e a resposta de Deus: “Na minha angústia clamei ao Senhor, e ele me respondeu. Das profundezas do reino dos mortos clamei por socorro, e tu ouviste o meu clamor” (Jonas 2:2). Ao longo do capítulo, ele continua descrevendo sua experiência pessoal com declarações como: “Tu me lançaste nas profundezas” (Jonas 2:3), “Eu me

lembrei do Senhor, e a minha oração chegou até ti” (Jonas 2:7) e “Eu, com ações de graças, te oferecerei sacrifícios” (Jonas 2:9). Esses relatos pessoais reforçam a conclusão de que Jonas registrou sua própria história, provavelmente pouco tempo depois dos acontecimentos, por volta de 760 a.C.

O pai de Jonas, Amitai, aparece na Bíblia apenas em Jonas 1:1 e em 2º Reis 14:25. Esse último texto informa que Jonas era natural de Gate-Hefer, uma cidade da região de Zebulom, no Reino do Norte de Israel. Também revela que seu ministério ocorreu durante o reinado de Jeroboão II, que governou aproximadamente entre 793 e 753 a.C.

Com base nessas informações, muitos estudiosos entendem que Jonas nasceu por volta de 800 a.C. e exerceu seu ministério em um período de relativa prosperidade para Israel. Embora a Bíblia não registre quando ele morreu, acredita-se que isso tenha ocorrido por volta de 750 a.C., o que reforça a ideia de que o livro foi escrito enquanto o profeta ainda estava vivo.

O contexto político daquele período também ajuda a explicar a resistência de Jonas em obedecer ao chamado de Deus. O Senhor o enviou para anunciar seu julgamento contra Nínive, uma cidade conhecida por sua violência e perversidade (Jonas 1:2). Em vez de seguir para lá, Jonas tentou escapar, embarcando em um navio com destino a Tártis (Jonas 1:3).

A atitude do profeta se torna mais compreensível quando lembramos que a Assíria era a maior potência militar da época e representava uma ameaça constante ao Reino de Israel. Nínive era uma de suas cidades mais importantes e, mais tarde, tornou-se a capital do império. Para Jonas, era difícil aceitar que Deus

pudesse oferecer misericórdia justamente a um povo inimigo de sua nação.

Apesar disso, a mensagem central do livro revela que a compaixão de Deus vai muito além das fronteiras de Israel. O Senhor demonstrou misericórdia tanto ao profeta quanto aos habitantes de Nínive, que se arrependeram de seus pecados. O próprio Jonas reconheceu esse atributo de Deus ao dizer:

“Eu sabia que tu és Deus misericordioso e compassivo, paciente e cheio de amor, e que mudas de ideia quanto ao castigo”.

- Jonas 4:2

O livro de Jonas aponta para uma verdade que seria plenamente revelada no Novo Testamento: Deus deseja salvar pessoas de todas as nações. Sua graça não faz distinção entre povos, mas alcança todos os que se voltam para Ele com arrependimento e fé. Essa mesma verdade é expressa por Paulo em Romanos 10:12, quando afirma que o Senhor é rico em misericórdia para com todos os que o invocam.

O que é Pós-Milenismo?

O Pós-milenismo é a compreensão escatológica segundo a qual Cristo, por meio da proclamação do Evangelho e da atuação poderosa do Espírito Santo, conduzirá a história a um período de ampla expansão do Seu Reino na terra antes de Sua Segunda Vinda. Diferentemente da expectativa de que a Igreja permanecerá pequena e marginal até o retorno de Cristo, o Pós-milenismo reconhece nas promessas bíblicas a esperança de uma transformação histórica e abrangente das nações. O Evangelho não triunfará apenas no coração

de indivíduos isolados, mas alcançará povos, culturas e sociedades inteiras.

Isso não significa que todos os indivíduos serão salvos ou que haverá um mundo sem pecado antes da Volta de Cristo. Significa, porém, que a obra redentora de Deus produzirá frutos de proporções históricas, de modo que as nações serão discipuladas e um número extraordinário de pessoas se voltará para o Senhor. O Reino de Deus, inaugurado na primeira Vinda de Cristo, avançará progressivamente até que sua influência alcance todas as partes da terra. É a esperança expressa nas palavras do Salmo 22:27:

“Todos os confins da terra se lembrarão e se converterão ao Senhor”.

É nesse ponto que o livro de Jonas se torna particularmente importante para uma compreensão pós-milenista das Escrituras. Jonas não é apenas uma narrativa sobre um profeta desobediente e um grande peixe. É também uma demonstração concreta de que Deus tem propósitos redentores para povos inteiros. Nínive, uma grande cidade pagã, é confrontada pela Palavra de Deus e responde coletivamente com arrependimento. O texto apresenta rei, povo e até os habitantes mais humildes da cidade humilhando-se diante do Senhor. Uma cidade inteira é alcançada pela mensagem de Deus.

Esse acontecimento aponta para uma realidade que se torna ainda mais clara à medida que avançamos na revelação bíblica. O Deus que demonstrou Sua misericórdia para com Nínive não abandonou Seu propósito de alcançar as nações. Em Cristo, a promessa se amplia: todas as nações são colocadas diante do Evangelho, e o Ressuscitado declara que toda autoridade lhe foi dada no céu e na terra, ordenando que seus discípulos façam discípulos de todas as nações.

Jonas, portanto, nos ajuda a enxergar que a salvação de povos inteiros não é uma expectativa estranha à narrativa bíblica. Ela já

aparece, em forma histórica e concreta, nas páginas do Antigo Testamento. Nínive demonstra que Deus pode confrontar uma sociedade inteira com sua Palavra e conduzi-la ao arrependimento. O que aconteceu naquela cidade serve como uma antecipação daquilo que Deus fará em escala muito maior à medida que o Evangelho avance entre os povos.

A esperança pós-milenista nasce, assim, não de um otimismo humano acerca do futuro, mas da confiança no poder e nas promessas de Deus. Se o Senhor foi capaz de transformar o coração de Nínive por meio da pregação de um único profeta, quanto mais podemos esperar da proclamação do Evangelho de Cristo, acompanhada pela poderosa obra do Espírito Santo, entre todas as nações da terra?

Jonas nos convida, portanto, a olhar para o futuro com esperança. A história não caminha para o fracasso da missão de Deus, mas para o triunfo de Seu Reino. O mesmo Deus que teve misericórdia de Nínive continua reunindo um povo dentre todas as nações. E a promessa bíblica aponta para um dia em que a terra estará cheia do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.

Capítulo 1

A vocação de Jonas, a sua fuga e o seu castigo

O livro de Jonas contém uma das histórias mais desconcertantes de toda a Escritura. Jonas não aparece inicialmente como o profeta disposto a cumprir imediatamente a ordem de Deus, mas como alguém que tenta escapar dela. O Senhor o envia a Nínive, uma grande cidade gentílica, mas Jonas decide seguir na direção oposta. Deus o manda para o leste, e ele embarca para Târsis, como se pudesse fugir daquele que domina os céus, a terra, os mares e todas as nações.

A fuga de Jonas, contudo, não ficou restrita à sua própria vida. Sua desobediência atingiu outras pessoas. A tempestade levantada pelo Senhor colocou em perigo toda a tripulação, e homens que não haviam participado da rebeldia do profeta foram envolvidos em suas consequências. O episódio nos lembra que o pecado jamais possui efeitos exclusivamente individuais. A desobediência de uma pessoa pode alcançar aqueles que estão ao seu redor e produzir consequências muito maiores do que ela mesma poderia imaginar.

Mas é justamente aqui que surge uma das ironias mais belas do livro: enquanto Jonas fugia de sua missão, Deus estava usando sua fuga para revelar Sua glória aos gentios.

Os marinheiros inicialmente clamaram aos seus próprios deuses. Cada um buscava socorro na divindade em que confiava. Entretanto, ao final do episódio, aqueles mesmos homens estavam reconhecendo a autoridade do Senhor e demonstrando temor diante dele. A tempestade, que parecia ser apenas uma manifestação do juízo divino, tornou-se também um instrumento de revelação.

O mar tornou-se o cenário de um sermão.

A tempestade tornou-se o meio pelo qual aqueles homens conheceram o verdadeiro Deus.

E Jonas, embora estivesse tentando fugir de sua responsabilidade, acabou sendo uma testemunha da soberania do Senhor.

O texto afirma:

“Então estes homens temeram ao Senhor com grande temor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor, e fizeram votos”.

— Jonas 1:16

Essa declaração é especialmente significativa. Jonas ainda nem havia chegado a Nínive, mas Deus já estava começando a cumprir Seu propósito missionário. Antes que a mensagem alcançasse uma grande cidade, ela alcançou os homens que estavam dentro de um navio.

O profeta pensava estar abandonando a missão de Deus. Deus, porém, demonstrava que nenhum caminho tomado pelo homem poderia impedir o cumprimento de Seus propósitos.

Essa realidade também nos ajuda a compreender como Deus frequentemente age na história. Há momentos em que sociedades inteiras são colocadas diante de situações que abalam profundamente suas falsas certezas. Guerras, crises, catástrofes, perseguições,

colapsos sociais e grandes transformações históricas podem revelar a fragilidade das estruturas nas quais os homens depositaram sua confiança.

Foi isso que aconteceu com os marinheiros.

A tempestade expôs a incapacidade de seus ídolos. Eles clamaram aos seus deuses, mas não encontraram resposta. Seus recursos não eram suficientes. Sua experiência no mar não poderia salvá-los. A segurança que possuíam desapareceu diante das ondas.

Então tiveram de reconhecer que havia um Deus acima da tempestade.

O Deus de Jonas não era apenas mais uma divindade entre muitas. Ele era o Senhor dos céus e do mar. Era aquele que havia criado a própria tempestade e que possuía autoridade para fazê-la cessar.

A crise, portanto, tornou-se uma oportunidade para revelação.

Isso nos conduz a uma verdade fundamental sobre a soberania de Deus: o Senhor é capaz de utilizar até mesmo acontecimentos provocados pelo pecado humano para conduzir a história na direção de Seus propósitos.

Isso não significa que Deus seja autor ou aprovador do pecado. Jonas foi disciplinado por sua desobediência. A graça de Deus não tornou sua rebeldia aceitável. O Senhor continuou tratando seriamente o pecado de Seu profeta.

Mas a rebeldia de Jonas também não conseguiu frustrar o plano Divino. O homem pode resistir à vontade de Deus; Deus, porém, não perde o controle da história. Essa verdade atravessa toda a narrativa bíblica. José foi vendido por seus irmãos, que agiram motivados pela inveja. Eles desejavam livrar-se dele e não tinham

qualquer intenção de cooperar com o propósito de Deus. Entretanto, aquilo que os irmãos de José planejaram para o mal foi utilizado pelo Senhor para preservar numerosas vidas.

José reconheceu isso quando disse:

“Vós intentastes mal contra mim; porém Deus o tornou em bem”.

— Gênesis 50:20

A mesma realidade alcança seu ponto máximo na cruz de Cristo. A morte de Jesus envolveu traição, injustiça, violência e rejeição. Judas o entregou; os líderes religiosos o condenaram; Pilatos o entregou aos soldados; Roma o crucificou. Do ponto de vista humano, parecia que os inimigos de Cristo haviam conseguido destruí-lo. Mas era justamente naquele momento que Deus estava realizando Seu propósito eterno de redenção. A cruz demonstra que Deus não é um espectador passivo dos acontecimentos históricos. Ele governa a história e conduz até mesmo acontecimentos perversos para o cumprimento de Seus propósitos. Aqueles que queriam eliminar Cristo acabaram participando, sem perceber, do cumprimento do plano pelo qual o Evangelho seria levado às nações.

É interessante observar, nesse sentido, o contraste entre Jonas e Paulo. Em Atos 27, Paulo também se encontra em um navio no meio de uma tempestade. Entretanto, existe uma diferença fundamental entre os dois episódios. Jonas estava no navio como consequência de sua fuga; Paulo estava ali como parte de sua missão. Jonas era um profeta desobediente; Paulo permanecia firme em sua confiança no Senhor. Enquanto Jonas havia contribuído para o perigo da tripulação, Paulo tornou-se instrumento de esperança para aqueles que estavam com ele.

Em meio à tempestade, Paulo declara:

“Nenhuma vida se perderá dentre vós”.

— Atos 27:22

A presença de Paulo naquele navio tornou-se uma bênção para todos. Deus preservaria aqueles homens, e o apóstolo tornou-se instrumento para comunicar esperança em meio ao desespero. As duas narrativas, embora diferentes, apontam para uma mesma realidade: Deus usa Seus servos para levar Sua verdade a outros povos. O contraste está na disposição de cada servo. Jonas queria distância dos gentios. Paulo desejava alcançá-los. Jonas resistia à misericórdia de Deus para com Nínive. Paulo estava disposto a sofrer para que os gentios conhecessem Cristo. Jonas fugia da missão. Paulo entregava sua vida à missão. Ainda assim, Deus estava trabalhando por meio de ambos.

Isso possui uma implicação importante para a Igreja. A história da expansão do Reino de Deus não depende da perfeição dos homens que Deus utiliza. A Igreja pode ser negligente, pode perder seu fervor, pode tornar-se espiritualmente acomodada e pode até mesmo agir em desobediência. Deus, entretanto, não abandona Seu propósito de alcançar as nações.

Isso não significa que a infidelidade da Igreja seja insignificante. Deus disciplina Seu povo e chama seus servos ao arrependimento. Porém, significa que o sucesso final da missão não repousa sobre a capacidade humana, mas sobre a fidelidade daquele que prometeu.

O Evangelho avançará porque Cristo reina.

É precisamente nesse ponto que Jonas se conecta profundamente com a esperança pós-milenista.

O pós-milenismo não repousa sobre uma visão ingênua da humanidade, como se os homens fossem capazes de construir por si mesmos um mundo perfeito. Tampouco depende de uma suposta

evolução natural da sociedade. Sua esperança está fundamentada no reinado presente de Cristo, no poder do Espírito Santo e na eficácia da Palavra de Deus.

Cristo já recebeu toda autoridade no céu e na terra. Por isso, a missão da Igreja não é uma tentativa desesperada de impedir o fracasso do Reino, mas a proclamação confiante de um Rei que já venceu e cujo domínio continuará avançando.

A promessa profética permanece:

“A terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar”.

— Isaías 11:9

Jonas oferece uma pequena demonstração histórica dessa esperança. Uma cidade pagã pode ouvir a Palavra de Deus e arrepender-se. Marinheiros pagãos podem abandonar seus falsos deuses e reconhecer a soberania do Senhor. Pessoas que estavam distantes da Aliança podem ser alcançadas pela misericórdia Divina.

Portanto, a salvação de povos inteiros não é uma ideia estranha à Bíblia. Ela já aparece nas páginas do Antigo Testamento como uma antecipação daquilo que Deus realizaria de maneira muito mais ampla por meio de Cristo e da expansão do Evangelho.

Jonas queria fugir para Társis, mas Deus transformou seu caminho de fuga em uma oportunidade de salvação. O profeta queria escapar da missão, mas Deus já estava preparando outras pessoas para ouvir Sua voz. Jonas estava preocupado com sua própria vontade, enquanto Deus estava preocupado com uma cidade inteira. Essa é uma das grandes ironias do livro: Jonas estava tentando fugir da presença de Deus, mas não conseguia fugir do propósito de Deus.

Ele desceu a Joque. Depois desceu ao navio. Depois desceu ao porão.

Finalmente, desceu ao mar. Mas enquanto Jonas descia, o conhecimento de Deus subia. Enquanto o profeta se afastava da missão, os marinheiros se aproximavam do Senhor. Enquanto Jonas pensava em fugir, Deus estava avançando. Essa é uma das grandes mensagens do livro: o Reino de Deus não será frustrado pela fraqueza de seus instrumentos. A missão depende, em última análise, da fidelidade de Deus.

Por isso, Jonas não deve ser lido apenas como a história de um profeta rebelde. É também a história de um Deus soberano, misericordioso e missionário, determinado a levar Sua Palavra às nações. E essa verdade deve produzir tanto temor quanto esperança. Se Deus pôde usar um profeta desobediente para revelar Sua glória aos marinheiros, quanto mais poderá realizar por meio de uma Igreja que caminhe em obediência, santidade e poder do Espírito?

Se uma tempestade foi capaz de conduzir homens pagãos ao temor do Senhor, quanto mais o Evangelho, proclamado fielmente entre os povos, poderá produzir arrependimento e fé?

Nenhuma tempestade impedirá o avanço do Reino. Nenhuma rebelião humana poderá frustrar os decretos de Deus. Nenhuma fraqueza de Seus servos poderá cancelar Suas promessas.

O Senhor continua governando os mares, os peixes, os reis, os impérios, as cidades e os corações. E, de maneira extraordinária, até mesmo a fuga de Jonas acabou sendo incorporada ao propósito soberano daquele que desejava manifestar Sua misericórdia às nações.

Jonas fugiu. Deus permaneceu fiel. E é exatamente essa fidelidade que nos permite olhar para o futuro com esperança: o Deus que alcançou marinheiros, que poupou Nínive e que enviou Seu Filho para redimir povos de toda a terra continuará conduzindo a história até que o conhecimento de Sua glória cubra as nações.

Capítulo 2

A oração de Jonas no ventre do peixe

Depois de ser lançado ao mar, Jonas parecia ter chegado ao fim de sua missão. Sua desobediência o havia conduzido às profundezas, e agora ele estava no ventre de um grande peixe. Contudo, aquilo que parecia o fim era, na verdade, o começo de uma nova etapa. Deus não havia abandonado Jonas. A disciplina do Senhor estava conduzindo o profeta de volta à missão que ele havia rejeitado.

A oração de Jonas, registrada no capítulo 2, é mais do que o clamor de um homem desesperado. É a oração de alguém que chegou às profundezas e descobriu que nem mesmo ali estava fora do alcance da soberania de Deus.

“E Jonas orou ao Senhor, seu Deus, das entranhas do peixe”.
— Jonas 2:1

Jonas volta a orar. No capítulo anterior, ele dormia enquanto os marinheiros clamavam. Agora, porém, é ele quem clama. O profeta que havia fugido da presença de Deus volta a falar com Deus. A disciplina produziu aquilo que sua comodidade não havia produzido: oração. O peixe, portanto, não era simplesmente um instrumento de juízo. Era também um instrumento de preservação. Deus estava restaurando Jonas para que ele retomasse sua missão. Isso revela algo importante sobre a maneira como Deus governa Seus servos: Sua

disciplina não contradiz Sua graça; muitas vezes, é justamente o instrumento por meio do qual Sua graça restaura o pecador.

“Na minha angústia, clamei ao Senhor”.

— Jonas 2:2

Jonas reconhece sua angústia e sua completa incapacidade de salvar a si mesmo. Ele chegou ao limite de seus próprios recursos. Essa realidade também está no centro da esperança cristã para as nações. O Pós-milenismo não começa com uma visão otimista da natureza humana, mas com uma visão elevada da Soberania de Deus. A esperança de que o Evangelho alcançará o mundo não está fundamentada na bondade natural dos homens, mas no poder daquele que salva.

Se a salvação dependesse da capacidade humana, a esperança seria pequena. Mas se “a salvação pertence ao Senhor”, então podemos esperar que Sua graça alcance multidões.

“Do ventre do abismo, gritei”.

— Jonas 2:2

Jonas descreve sua situação como alguém que havia chegado ao lugar da morte. Mas é justamente das profundezas que sua voz se levanta. A profundidade da condição humana nunca é maior do que a capacidade de Deus para salvar. Essa verdade encontrará sua expressão máxima em Cristo. O Filho de Deus desceu à morte e ressuscitou vitorioso. A história da Redenção, portanto, não caminha para uma derrota definitiva, mas para a vitória do Rei ressuscitado.

O Deus que levantou Jonas das profundezas é o mesmo Deus que levantará Seu Reino ao triunfo na história.

“As águas me cercaram até à alma”.

— Jonas 2:5

Jonas não possuía qualquer recurso para escapar. As águas o cercavam por todos os lados. Isso demonstra que a salvação é, antes de tudo, obra de Deus. Jonas precisava ser resgatado. Da mesma maneira, a esperança para as nações não depende da força humana. A Igreja prega, mas é Deus quem salva. O mensageiro anuncia, mas é Deus quem abre o coração. A Palavra é proclamada, mas é o Espírito quem produz vida. Por isso, a expansão do Evangelho não deve ser medida apenas pela capacidade dos homens, mas pela soberania daquele que decidiu salvar.

“Desci até aos fundamentos dos montes”.

— Jonas 2:6

Jonas chega ao ponto mais profundo de sua experiência. Ele pensa estar encerrado para sempre. Então aparece uma das declarações mais importantes da oração:

“Contudo, fizeste subir da sepultura a minha vida, ó Senhor, meu Deus”.

Jonas estava descendo, mas Deus estava levantando. Ele via a morte; Deus preparava vida. Ele enxergava o fim; Deus preparava um novo começo. Essa é também a estrutura da esperança cristã. Cristo ressuscitou, Seu Reino foi inaugurado e o Evangelho foi enviado às nações. Aquilo que Deus começou não será abandonado no meio do caminho.

A ressurreição de Cristo é a garantia de que a história pertence ao Rei que venceu a morte.

“Quando dentro de mim desfalecia a minha alma, eu me lembrei do Senhor”.

— Jonas 2:7

A crise levou Jonas a lembrar-se de Deus. Isso também pode acontecer com povos e sociedades. Quando as estruturas humanas são abaladas e as falsas seguranças desaparecem, os homens podem ser conduzidos a reconsiderar seus ídolos e buscar novamente o Criador. Foi o que aconteceu com os marinheiros no capítulo 1. A tempestade revelou a incapacidade de seus deuses. A crise, portanto, pode tornar-se uma ocasião para a proclamação da verdade. Não porque o sofrimento tenha poder salvador em si mesmo, mas porque Deus pode utilizá-lo para conduzir homens ao arrependimento.

“Os que se entregam à idolatria vã abandonam aquele que lhes é misericordioso”.

— Jonas 2:8

Jonas reconhece a inutilidade dos ídolos. Essa declaração é especialmente significativa porque sua missão era justamente anunciar a Palavra de Deus a uma cidade pagã. Nínive estava mergulhada em idolatria, assim como os marinheiros haviam começado a história adorando seus próprios deuses. O problema das nações é, em última análise, espiritual. Elas precisam abandonar seus ídolos e conhecer o verdadeiro Deus. Aqui encontramos uma importante esperança pós-milenista: as nações não estão destinadas a permanecer para sempre escravizadas aos seus falsos deuses.

O Evangelho derruba ídolos, transforma culturas e conduz povos à verdadeira adoração.

“Mas eu te oferecerei sacrifício com a voz do agradecimento”.

— Jonas 2:9

Jonas passa da angústia à adoração. A salvação produz gratidão. E essa verdade é fundamental para compreendermos a missão às nações. O objetivo final do Evangelho não é simplesmente produzir indivíduos moralmente melhores, mas levar povos e sociedades a conhecerem o Senhor e a adorá-lo.

Quando as Escrituras falam da salvação das nações, frequentemente apresentam essa salvação em termos de adoração. O Salmo 22 anuncia que os confins da terra se lembrarão do Senhor e se converterão a Ele.

A esperança bíblica não é a de um pequeno remanescente de todas as nações permanecendo para sempre em meio a um mundo dominado pela incredulidade. A esperança é que o conhecimento do Senhor avance até alcançar os confins da terra.

“Ao Senhor pertence a salvação”.

— Jonas 2:9

Aqui encontramos o centro teológico da oração de Jonas.

“Ao Senhor pertence a salvação”.

Essa declaração não é apenas uma confissão pessoal. Ela estabelece o fundamento de toda esperança missionária. Jonas não salvou a si mesmo. Nínive não salvaria a si mesma. As nações não salvarão a si mesmas. A salvação pertence ao Senhor.

É Deus quem chama.

É Deus quem regenera.

É Deus quem convence.

É Deus quem envia.

É Deus quem sustenta Sua Igreja.

E é Deus quem conduz a história para o cumprimento de Suas promessas.

Por isso, a esperança pós-milenista não está fundamentada no poder da Igreja, na capacidade da cultura ou no progresso natural da humanidade. Está fundamentada no “reinado de Cristo e na soberania de Deus na salvação”.

Se Deus é o Senhor da salvação, então podemos confiar que Sua missão não fracassará.

“Falou, pois, o Senhor ao peixe, e este vomitou a Jonas na terra”.
— Jonas 2:10

A oração termina com Deus agindo. O Senhor fala, e o peixe obedece. Jonas havia desobedecido, mas a criação obedeceu ao Criador. O vento obedeceu. O mar obedeceu. O peixe obedeceu. E Jonas seria novamente enviado. Essa é uma pequena demonstração da Soberania absoluta de Deus sobre Sua criação e sobre a história. O Senhor possui autoridade não apenas para salvar Jonas, mas para conduzi-lo novamente ao lugar onde Sua Palavra deveria ser anunciada.

Jonas foi salvo “para ser enviado”.

Essa é uma das conexões mais importantes entre Jonas 2 e o Pós-milenismo. Deus não resgata Jonas simplesmente para que ele desfrute pessoalmente da misericórdia. Ele o resgata para que continue sua missão entre as nações.

O mesmo princípio aparece no Evangelho. Cristo salva Sua Igreja e a envia para fazer discípulos de todas as nações.

A salvação conduz à missão.

A missão alcança as nações.

E as nações são chamadas à adoração.

Por isso, a oração de Jonas não deve ser vista apenas como uma experiência individual de livramento. Ela faz parte de uma história muito maior. Deus está restaurando o profeta porque ainda possui um propósito para Nínive.

Jonas queria morrer; Deus queria que ele pregasse. Jonas queria fugir; Deus queria enviá-lo. Jonas pensava em si mesmo; Deus estava pensando em uma cidade inteira.

Aqui está uma das grandes lições do livro: Deus não abandonará as nações à idolatria.

O mesmo Senhor que ouviu o clamor de um homem nas profundezas estava preparando uma cidade inteira para ouvir Sua Palavra. Se Deus transformou marinheiros pagãos e conduziu Nínive ao arrependimento, temos razão para esperar que o Evangelho alcance povos inteiros ao longo da história. A experiência de Jonas aponta para uma realidade ainda maior: Deus salva para enviar, envia para anunciar e anuncia para que os povos se arrependam e adorem.

Jonas saiu das profundezas porque “ao Senhor pertence a salvação”. E essa mesma verdade sustenta nossa esperança para o futuro. O destino do Evangelho não está, em última análise, nas mãos de Jonas, nem nas mãos da Igreja, mas nas mãos do Deus que salva.

Jonas foi levantado das profundezas para voltar à sua missão. E, por meio dessa missão, Deus demonstraria que Sua misericórdia é maior do que a rebeldia de Seu profeta e que Seu propósito de alcançar as nações não pode ser impedido.

Capítulo 3

A pregação de Jonas em Nínive

Os ninivitas se arrependem

O que aconteceu em Nínive não terminou com a simples pregação de Jonas. A mensagem anunciava uma sentença: “Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida” (Jonas 3:4). Não havia, aparentemente, uma promessa de livramento. Havia uma advertência. Uma contagem regressiva. Uma cidade inteira foi colocada diante da possibilidade de seu próprio fim. E foi justamente essa ameaça que produziu uma reação inesperada. Os ninivitas creram em Deus. O rei se levantou do seu trono, tirou de si as vestes reais, cobriu-se de pano de saco e assentou-se sobre cinzas. Depois determinou que homens e animais jejuassem e que todos clamassem fortemente a Deus, abandonando seus maus caminhos e a violência que havia em suas mãos.

O arrependimento de Nínive, portanto, não foi apenas emocional. Foi uma mudança de direção. O povo ouviu a advertência, reconheceu que estava diante de Deus e procurou abandonar aquilo que havia provocado sua condenação.

Então aconteceu algo extraordinário:

“E Deus viu as obras deles, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria e não o fez”.

— Jonas 3:10

A história de Nínive apresenta, assim, um princípio que pode ser muito importante para compreender o futuro das nações: uma grande crise pode se transformar em uma grande oportunidade de arrependimento.

Nínive estava caminhando para a destruição, mas a ameaça da destruição despertou a cidade.

E aqui surge uma questão maior.

Poderia algo semelhante acontecer com as nações?

Se a mensagem do evangelho deve alcançar todas as nações, podemos imaginar diferentes caminhos pelos quais Deus poderá conduzir a humanidade a uma tomada de consciência espiritual sem precedentes.

Não afirmo que necessariamente acontecerá dessa maneira, mas vejo pelo menos “três possibilidades”.

A primeira é o caminho natural da pregação.

O Evangelho continua sendo anunciado, missionários continuam atravessando fronteiras, Bíblias continuam sendo traduzidas, igrejas continuam sendo estabelecidas e, pouco a pouco, o número daqueles que seguem a Cristo aumenta em diferentes povos.

Nesse cenário, não seria necessária uma catástrofe mundial para provocar o avanço do Evangelho. A mensagem simplesmente continuaria crescendo de geração em geração, alcançando lugares cada vez mais distantes, até que aquilo que hoje parece pequeno se tornasse um movimento de proporções mundiais.

A segunda possibilidade seria uma grande crise.

Assim como Nínive recebeu uma advertência de destruição, as nações poderiam algum dia ser confrontadas por uma ameaça de proporções extraordinárias: uma pandemia muito mais severa, um desastre natural de escala global, um acontecimento vindo do espaço, uma crise ambiental, uma guerra devastadora ou qualquer outro acontecimento capaz de fazer a humanidade perceber sua fragilidade.

Não devemos afirmar que determinada catástrofe será enviada por Deus, nem identificar antecipadamente um acontecimento como cumprimento de uma profecia sem base bíblica. Mas a própria história de Nínive nos permite pensar sobre um princípio: quando o ser humano percebe que seus recursos não são suficientes para salvá-lo, pode começar a buscar a Deus.

Uma ameaça pode produzir medo. Mas o medo, quando conduz ao arrependimento, pode abrir caminho para a fé. Foi isso que aconteceu em Nínive.

A terceira possibilidade seria ainda mais extraordinária: um gigantesco mover do Espírito Santo.

Nesse caso, o avanço do Evangelho não aconteceria principalmente pela pressão de uma catástrofe, mas por uma ação espiritual de proporções jamais vistas. Povos inteiros poderiam ser despertados. Milhões de pessoas poderiam voltar-se para Cristo. Famílias, cidades e até sociedades poderiam experimentar uma transformação profunda. Seria como um grande avivamento atravessando fronteiras, idiomas, culturas e continentes.

Talvez não devêssemos colocar essas três possibilidades umas contra as outras. Elas poderiam até acontecer simultaneamente. A pregação poderia continuar crescendo; uma crise poderia despertar milhões; e, em meio a essa crise, o Espírito Santo poderia produzir um avivamento sem precedentes.

Há, porém, algo ainda mais impressionante no episódio de Nínive. O próprio Jesus voltou a esse acontecimento e fez dele uma advertência para sua própria geração.

Jesus declarou:

“Os ninivitas se levantarão no Juízo com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui quem é maior do que Jonas”.

— Mateus 12:41

Essa afirmação de Jesus é extremamente profunda. Os ninivitas receberam uma mensagem de advertência e se arrependeram. Não tiveram diante deles o próprio Cristo. Não viram os sinais realizados por Jesus. Não ouviram pessoalmente o Filho de Deus anunciar o Reino. Receberam apenas a pregação de Jonas. E, ainda assim, creram. A geração dos dias de Jesus, por outro lado, tinha diante de si alguém “maior do que Jonas”. O próprio Messias estava entre eles. Mesmo assim, muitos rejeitaram Sua mensagem.

Por isso Jesus disse que os ninivitas se levantariam no juízo e condenariam aquela geração. A resposta de Nínive se tornaria uma testemunha contra aqueles que receberam uma revelação muito maior e, ainda assim, não se arrependeram.

Existe aqui um princípio que não pode ser ignorado.

Quanto maior a luz recebida, maior a responsabilidade diante de Deus. Nínive ouviu uma advertência sobre uma destruição que poderia acontecer em quarenta dias e se voltou para Deus. A humanidade recebeu, em Cristo, uma mensagem muito maior: não apenas uma advertência sobre destruição, mas a revelação da própria misericórdia de Deus e o convite à reconciliação com Ele. Por isso, quando pensamos no futuro das nações, não devemos imaginar apenas um mundo sendo assustado por alguma catástrofe.

A grande questão é: o que as nações farão quando ouvirem a mensagem de Cristo?

Nínive nos mostra que uma cidade inteira pode ouvir e se arrepender.

E as palavras de Jesus nos fazem perceber que esse pequeno episódio de Jonas possui uma dimensão muito maior do que imaginamos.

Existe, porém, algo ainda maior nessa expectativa.

O propósito de Deus não seria simplesmente fazer com que os homens tenham medo da destruição. O objetivo seria conduzi-los ao arrependimento, à fé, à reconciliação e, finalmente, à paz. É nesse ponto que o Salmo 22 se torna especialmente impressionante. Depois de descrever sofrimento e aflição, o salmo termina olhando para um futuro em que a adoração a Deus alcançará os povos:

“Todos os limites da terra se lembrarão e se converterão ao Senhor, e todas as famílias das nações adorarão perante a tua face”.

E mais adiante:

“Uma posteridade o servirá; falar-se-á do Senhor à geração vindoura”.

A visão é de um mundo no qual a lembrança do Senhor ultrapassa as fronteiras de Israel e alcança “as famílias das nações”.

Não se trata apenas de indivíduos isolados. O horizonte é mundial.

É justamente isso que torna Isaías 2 tão significativo:

“E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se elevará acima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações”.

E então vem uma das declarações mais impressionantes das Escrituras:

“De suas espadas forjarão arados, e suas lanças, foices; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerrear”.

Aqui encontramos uma sequência que merece ser contemplada.

As nações conhecem o Senhor.

As nações encontram a paz.

E as armas deixam de ser necessárias.

A humanidade que durante séculos aperfeiçoou suas armas começa a aposentá-las. Aquilo que antes servia para destruir passa a servir para produzir. A espada transforma-se em arado. A lança transforma-se em instrumento de trabalho. A guerra deixa de ser uma escola para as nações.

Uma paz que nasce da confiança. Talvez essa seja uma das maiores diferenças entre uma paz simplesmente política e a paz anunciada pelos profetas. Tratados podem interromper guerras. Governos podem estabelecer acordos. Exércitos podem ser reduzidos. Mas a paz bíblica vai muito mais fundo: ela nasce de uma mudança no coração.

Quando as nações deixam de enxergar umas às outras como inimigas permanentes, quando a confiança substitui o medo e quando Deus passa a ocupar o centro da consciência humana, a necessidade de acumular armas começa a perder sua razão de existir.

É possível imaginar o extraordinário significado disso.

Nações que durante décadas gastaram seus maiores recursos preparando-se para destruir umas às outras poderiam começar a utilizar esses mesmos recursos para alimentar populações, reconstruir cidades, combater a pobreza, desenvolver tecnologias, curar doenças e produzir aquilo que traz vida.

A humanidade poderia olhar para seus antigos arsenais e perguntar:

“Por que ainda precisamos disso?”

E então as espadas poderiam realmente ser transformadas em arados.

A cidade de Nínive é como uma antecipação. Nínive é uma pequena imagem de algo muito maior. Uma cidade violenta recebe uma mensagem. A cidade ouve. A cidade teme. A cidade se arrepende. E Deus poupa aqueles que abandonaram seus maus caminhos.

Séculos depois, Jesus utiliza Nínive como testemunha. Aquela cidade que se arrependeu diante de Jonas será lembrada no Juízo como exemplo para uma geração que teve diante de si alguém maior do que Jonas.

E, depois, os profetas apresentam uma visão ainda maior: não apenas uma cidade, mas “as nações”; não apenas um arrependimento local, mas uma transformação de alcance mundial; não apenas o fim de uma ameaça, mas o surgimento de uma nova realidade de paz.

Nínive nos mostra uma cidade que poderia ser destruída, mas que foi alcançada pela misericórdia.

Isaías nos mostra as nações caminhando para Deus e abandonando a guerra.

E o Salmo 22 nos mostra um horizonte em que as famílias das nações se voltam para o Senhor.

O grande avivamento que ainda esperamos não é apenas um fenômeno religioso. Ele produzirá consequências sociais, culturais e até geopolíticas que hoje mal conseguimos imaginar.

Porque quando o coração humano encontra a verdadeira paz em Cristo, a paz começa a transbordar para aquilo que ele faz.

E quando povos inteiros aprendem a confiar em Deus, talvez finalmente chegue o momento em que as armas que durante tanto tempo foram consideradas indispensáveis sejam vistas como relíquias de uma humanidade que ainda não conhecia plenamente o caminho da paz.

Nínive ouviu uma advertência e se arrependeu. Os ninivitas se levantarão no juízo. E as nações ainda ouvirão o Evangelho.

Muito antes do fim veremos um despertar espiritual tão grande que povos inteiros se voltarão para Deus, encontrando nele a confiança necessária para abandonar não somente seus pecados, mas também seus antigos caminhos de violência.

Essa possibilidade não deve ser tratada como uma previsão humana, mas como uma realidade revelada na Palavra de Deus.

Mas as Escrituras nos permitem esperar algo extraordinário: o conhecimento do Senhor alcançando as nações, a fé atravessando fronteiras e a paz finalmente ocupando o lugar que a guerra ocupou durante tantos séculos.

E talvez seja justamente aí que esteja uma das maiores lições de Nínive: uma cidade que recebeu apenas a voz de Jonas se arrependeu; quanto mais as nações quando ouvirão a mensagem anunciada de Jesus Cristo, aquele que é Maior do que Jonas.

Capítulo 4

O desgosto de Jonas

O ensinamento de Deus

Jonas havia cumprido sua missão e pregado em Nínive. O povo ouviu a mensagem, arrependeu-se e Deus demonstrou misericórdia. Porém, em vez de se alegrar, Jonas ficou profundamente desgostoso. Ele não queria que Deus perdoasse aquela cidade. O profeta conhecia o caráter misericordioso de Deus, mas não aceitava que essa misericórdia alcançasse seus inimigos.

O problema de Jonas já não era sua disposição para ir a Nínive, mas o seu coração diante da graça de Deus. Ele havia obedecido exteriormente, porém ainda precisava aprender a enxergar Nínive com os olhos do Senhor. Deus, então, começa a tratar com o profeta, ensinando-lhe que Sua misericórdia não poderia ser limitada pelos sentimentos e pelos preconceitos humanos.

Essa é uma das grandes lições de Jonas 4 para a Igreja. Deus deseja alcançar pessoas que muitas vezes nós não desejamos alcançar. Jonas queria uma missão limitada às suas próprias fronteiras, enquanto Deus mostrava que Seu propósito era muito maior.

A história também pode representar uma Igreja que recebeu uma mensagem para levar ao mundo, mas que, por diferentes razões, se recusa a atravessar determinadas fronteiras. É possível conhecer a

ordem de Deus e, ainda assim, permitir que preconceitos, interesses, comodidade ou diferenças culturais impeçam o avanço da missão.

Jonas foi enviado para um povo que estava fora de sua realidade. Nínive representava uma barreira cultural, política e emocional. Para o profeta, aquelas pessoas eram inimigas; para Deus, eram pessoas que precisavam ouvir Sua palavra.

Da mesma maneira, as missões mundiais desafiam a Igreja a olhar para além de suas próprias fronteiras. Existem povos, culturas e nações que ainda precisam ouvir o Evangelho. A Igreja não pode escolher quem merece ser alcançado pela graça. A missão pertence a Deus, e é Ele quem determina até onde ela deve chegar.

O grande ensinamento de Deus a Jonas era também um ensinamento para a Igreja: não basta levar a mensagem; é necessário possuir um coração disposto a ver os outros como Deus os vê. Uma Igreja pode falar sobre missões, sustentar projetos e enviar missionários, mas ainda precisa permitir que Deus transforme seus próprios sentimentos.

Jonas precisava compreender que a misericórdia de Deus era maior do que suas fronteiras. E a Igreja precisa compreender a mesma verdade. O Evangelho não foi entregue para permanecer restrito a um povo, uma cultura ou uma comunidade. Ele deve atravessar fronteiras e chegar àqueles que ainda estão distantes.

Assim, Jonas 4 nos conduz a uma pergunta importante: estamos realmente dispostos a ir onde Deus quer que Sua mensagem chegue? A missão mundial começa quando a Igreja deixa de perguntar até onde está disposta a ir e passa a perguntar até onde Deus deseja enviá-la.

O Senhor não estava apenas ensinando Jonas a pregar; estava ensinando-o a ter um coração semelhante ao Seu. Essa continua

sendo uma necessidade da Igreja: antes de alcançar o mundo, precisamos permitir que Deus transforme nossa maneira de enxergar o mundo.

Conclusão

A cidade de Nínive é um arquétipo da futura conversão das nações

A história de Jonas não termina apenas com a preservação de uma cidade. Nínive aponta para algo maior: o propósito de Deus de alcançar as nações. Ela se torna um arquétipo de povos que ainda precisam ouvir, arrepender-se e reconhecer a soberania de Deus.

Essa verdade encontra expressão plena na Grande Comissão. Depois de ressuscitado, Jesus declarou:

“Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Portanto, ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias, até à consumação do século”.

- Mateus 28:18-20

O que Jonas teve dificuldade para compreender, Cristo entregou claramente à Sua Igreja: o propósito de Deus alcança todas as nações. O Evangelho não pertence a uma cultura ou a um único povo; ele deve avançar até os confins da terra.

O último versículo de Jonas revela a profundidade dessa misericórdia:

“E não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?”

- Jonas 4:11

Até os animais são mencionados na compaixão Divina. O Deus que criou todas as coisas demonstra cuidado por Sua criação. Se Sua misericórdia alcança até os animais de Nínive, quanto mais devemos reconhecer Seu amor pelas pessoas criadas à Sua imagem.

Essa misericórdia aponta para a esperança de uma criação plenamente submetida ao Senhor. Zacarias anuncia:

“Naquele dia será gravado sobre as campainhas dos cavalos: SANTO AO SENHOR”.

- Zacarias 14:20

Até aquilo que é comum será marcado pela santidade de Deus. E Isaías apresenta a imagem de uma criação reconciliada:

“O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito”.

- Isaías 11:6

O conflito dará lugar à paz sob o governo do Messias.

Assim, Nínive aponta para as nações, a Grande Comissão aponta para a missão da Igreja e os profetas apontam para a consumação do Reino. O Deus que teve compaixão de Nínive continua chamando Sua Igreja para anunciar Sua graça aos povos.

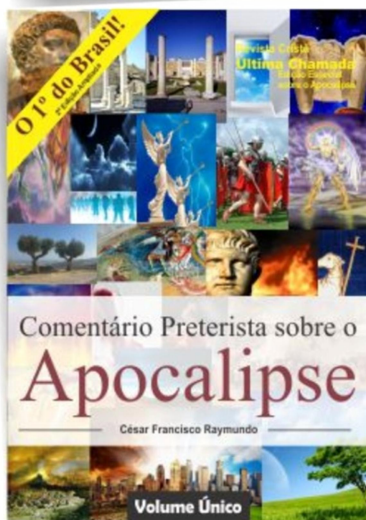
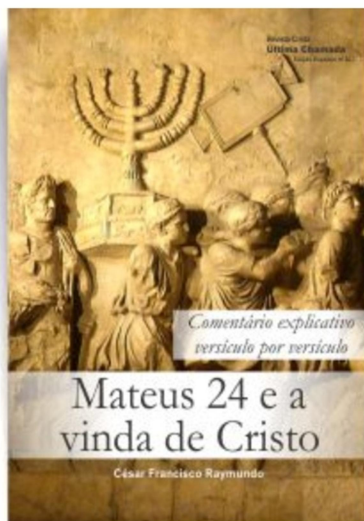
Jonas queria limitar a misericórdia de Deus; Deus estava revelando que Seu propósito alcançaria as nações.

A missão da Igreja, portanto, é participar desse propósito até que o Evangelho alcance os povos e a glória do Senhor seja reconhecida. A história de Jonas termina nos lembrando que a misericórdia de Deus é maior que nossas fronteiras, e Seu propósito é maior que nossas limitações.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus não tivesse nascido de mulher?